

Ibovespa sobe em meio a maior demanda por risco; dólar cai

FEBRUARY 04, 2020

Os investidores se mostram mais dispostos a buscar ativos de riscos neste pregão, fazendo o Ibovespa subir com fôlego desde a abertura e passar por recuperação. Às 14h13, o índice avançava 1,36%, aos 116.193 pontos.

O mercado aproveita o bom humor também observado no exterior, com um clima mais tranquilo em relação ao coronavírus, especialmente após as autoridades chinesas demonstrarem esforço em conter o contágio e prover liquidez ao mercado local.

Segundo analistas, a injeção de aproximadamente US\$ 180 bilhões nos mercados chineses e os cortes nas taxas de juros de curto prazo promovidos pelo banco central chinês são responsáveis por garantir algum alívio enquanto notícias de impacto negativo não chegam.

Prova disso é que o mercado local não desanimou diante da divulgação, pelo IBGE, de que a produção industrial brasileira recuou 0,7% em dezembro, na comparação com novembro. Quando comparada a dezembro de 2018, a produção do setor mostrou queda de 1,2%. Com mais um mês de resultado negativo, a indústria fechou 2019 com queda acumulada de 1,1%, interrompendo dois anos consecutivos de crescimento: 2017 (+2,5%) e 2018 (+1%).

"O mercado prefere aproveitar o clima otimista para respirar um pouco mais aliviado e comprar ativos, então deu uma ignorada mesmo no resultado da produção industrial. Enquanto não vierem notícias ruins, a preocupação com o coronavírus vai se dissipando", afirma Jefferson Laatus, estrategista-chefe do Grupo Laatus.

Os principais destaques positivos deste pregão são MRV ON (4,91%) e Gol PN (4,08%), além de papéis mais ligados ao ciclo doméstico e que tendem a avançar em dia de mais otimismo na bolsa como hoje.

A construtora, teve sua estrutura do investimento a ser realizado na americana AHS Residencial aprovada por acionistas e, além disso, viu sua recomendação ser elevada de "neutra" para "compra" pelo J.P. Morgan. O preço-alvo do papel passou de R\$ 20 para R\$ 25.

Já a Gol anunciou o fechamento de um acordo com a American Airlines para o compartilhamento de voos. A parceria permitirá à companhia americana oferecer 20 novos destinos para a América do Sul, como Assunção, no Paraguai, e permitirá à Gol o compartilhamento de voos em novas rotas nos Estados Unidos.

O dia também é marcado pela recuperação das blue chips, que sofreram relativamente durante a semana passada, quando o temor em torno do coronavírus era mais intenso. Assim, elas dão importante suporte ao Ibovespa hoje: Banco do Brasil ON (0,82%), Bradesco (0,81% a ON e 0,68% a PN), Itaú Unibanco PN (0,67%), Ambev ON (1,08%), Petrobras (3,07% a ON e 2,13% a PN) e Vale ON (2,57%). Estas duas últimas também sobem refletindo a alta nos preços internacionais do petróleo e do minério de ferro, que passam por importante recomposição de preços agora que os efeitos do coronavírus parecem cada vez mais precificados.

"Temos um dia de recuperação de toda a bolsa e é comum que as commodities sejam mais sensíveis a esses problemas externos. Então, quando o dia é mais positivo, acaba destravando mesmo o preço desses papéis", afirma Rodrigo Marcatti, sócio-fundador da Veedha Investimentos.

O real também se aproveita desse movimento de recuperação, mas em menor grau, limitado pelo dado de produção industrial pior que o esperado, que reduz a expectativa de um crescimento mais vistoso no ano e indica a possibilidade de novos cortes na Selic.

A moeda americana cede 0,20%, aos R\$ 4,2408, após tocar R\$ 4,2241 na mínima intradiária. O desempenho do dólar no Brasil é comedido em relação ao visto contra outros pares emergentes, como o peso chileno (-0,71%), o rand sul-africano (-0,79%) e o rublo russo (-0,94%).

Nesta madrugada, o índice Xangai Composto fechou em alta de 1,34%, se recuperando parcialmente do tombo de 7,72% da véspera. Já o Shenzhen Composto avançou 1,80%, revertendo parte da queda de 8,41% do dia anterior. O bom sinal faz as bolsas europeias e americanas operarem em alta nesta manhã. Ativos de segurança, como o ouro e o iene japonês, também operam em baixa.

Sobre a queda na produção industrial, o Goldman Sachs, a contração de dezembro deixa um carregamento estatístico de -1% para a atividade fabril no primeiro trimestre do ano.

"A produção industrial abaixo do esperado pode fazer o Brasil crescer menos e o BC cortar mais a Selic, o que volta a trazer à tona a discussão sobre o diferencial de juros", diz Victor Candido, gestor da Journey Capital. "O indicador é mais uma notícia negativa após os dados da balança comercial de ontem, que também vieram piores que o esperado."

Paralelamente, permanece a discussão dos impactos do surto do coronavírus sobre a economia real. Nas contas do Credit Suisse, a crise deve fazer a economia chinesa crescer 5,5% neste ano, contra 5,9% da perspectiva anterior. Já o UBS cortou de 6,0% para 5,4% sua estimativa para o PIB chinês.

O banco suíço também revisou de 2,5% para 2,1% o crescimento do Brasil em 2020, influenciado sobretudo pela desaceleração maior que a esperada da China, maior parceiro comercial do país e um termômetro da confiança do investidor mundial. Com isso, a instituição espera agora dois cortes de 0,25 ponto percentual na Selic este ano. Antes, a previsão era de estabilidade em 4,5%.

A projeção de câmbio do UBS para o fim do ano, por outro lado, se manteve intacta em R\$ 4,00. "Não mudamos nossa estimativa pois esperamos que o crescimento volte a acelerar, que a agenda reformista continue a ter sucesso e que a Selic volte a subir em 2021", diz o banco em relatório.

Com a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central batendo à porta, as taxas de juros negociadas no mercado futuro enfrentaram mais uma manhã de queda firme. Na curva a termo, os vértices mais curtos viram os juros nas mínimas históricas intraday, ao mesmo tempo em que o dólar também se manteve em baixa frente o real. Ao mesmo tempo, as perspectivas de inflação comportadas se mantiveram no foco dos investidores, assim como os sinais de retomada mais fraca da atividade.

Dado esse cenário, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2021 recuava de 4,33% no ajuste anterior para 4,29%, após atingir o piso histórico de 4,275% mais cedo; a do DI para janeiro de 2022 cedia de 4,93% para 4,89%; a do contrato para janeiro de 2023 passava de 5,46% para 5,44%; e a do DI para janeiro de 2025 caía de 6,15% para 6,10%.

A primeira fase das reuniões do Copom teve início às 10h07, com uma discussão dos diretores do BC sobre a conjuntura doméstica. As expectativas de inflação em níveis confortáveis devem estar no debate, tendo em vista que analistas continuam a ver um IPCA em níveis abaixo da meta de 4% este ano. Na avaliação dos estrategistas de renda fixa do Morgan Stanley, a inflação comportada "dá força à possibilidade de um corte de 0,25 ponto percentual na próxima reunião e sugere que, no próximo comunicado, o BC pode deixar a porta aberta para cortes adicionais".

A leitura de que a atividade econômica ganha tração de forma gradual também influenciou os ativos e ajudou na queda dos juros de curto prazo. Hoje, o IBGE informou que a produção industrial recuou 0,7% na passagem entre novembro e dezembro, em um resultado pior do que o esperado pelos agentes do mercado (-0,5%).

Em carta com os resultados referentes ao mês de janeiro, a Legacy aponta que cortou sua estimativa para o IPCA em 2020 de 3,4% para 3,1%, ao mesmo tempo em que manteve inalterada a projeção para a inflação em 2021 em 3,3%. A gestora acredita que o BC já deu indicações de que agirá com cautela no relaxamento monetário à frente e, assim, "nosso entendimento é que os juros permanecerão estáveis em 4,25% por algum tempo, após o provável corte de 0,25 ponto percentual na Selic em fevereiro".

Já a equipe de gestão da Ibiuna Investimentos vê "algum prêmio na parte intermediária da curva", que deve se beneficiar da perspectiva de que os juros fiquem inalterados em 4,25% ao longo do ano de 2020, após um corte de 0,25 ponto percentual na Selic esperado para amanhã. "E, diante de taxas de inflação implícita de médio prazo próximas à meta do Banco Central, temos também posições aplicadas em juros reais na parte intermediária da curva".